

Crise do Rio acelera luta pelo poder dentro do PT

Mais do que definir se Lula será candidato, reunião do diretório nacional mostrará quem manda no partido

A crise aberta pelo diretório fluminense do PT antecipou a luta definitiva pelo poder interno do partido. A reunião do diretório nacional, neste fim de semana, e o encontro nacional, nos dias 23 e 24, não estarão apenas definindo se Luiz Inácio Lula da Silva será candidato a presidente apoiado por uma política de alianças, mas — e principalmente — quem manda no partido.

Trata-se de saber quem tem a maioria da legenda e quem é minoria, que deverá submeter-se ou pular fora. Nesse jogo, a direção nacional tem um número muito apertado a seu favor. Tão apertado que, no fim do processo, pode ver-se diante da contingência de passar o boné para os adversários de esquerda, abrindo mão da candidatura de Lula ou da própria presidência do partido, hoje nas mãos de José Dirceu.

Lula mantém até o momento a posição mais radical em relação aos rebeldes e põe seu comando sobre o PT na mesa de negociações. Ele defende a pura e simples anulação, pelo diretório nacional, e conseqüentemente pelo encontro nacional, da convenção estadual que escolheu Vladimir Palmeira candidato ao governo do Rio. “Lula quer testar a sua liderança no partido”, afirmou o líder do PT na Câmara, Marcelo Deda (SE). “Ele quer ser candidato mas coloca uma condição fundamental: só sai se houver aliança no Rio”, garantiu o líder.

Por trás dessa briga de poder, existe uma divergência estratégica fundamental. Os moderados petistas só acreditam numa vitória de Lula dentro de uma aliança com os partidos de esquerda e até parcelas de legendas de centro. Os radicais acham que a vitória só vale a pena numa chapa pura, sem os

“desvios ideológicos”. A decisão do Rio expôs as diferenças e, mais do que isso, dividiu o campo majoritário, que balança entre correr o risco de perder a máquina partidária e satisfazer as exigências de Lula ou manter o controle sobre a legenda, mesmo submetendo-se à candidatura Palmeira no Rio.

No último encontro nacional, no ano passado, Dirceu foi reconduzido à presidência com apenas 15 votos de diferença, marcando o fortalecimento dos grupos radicais, unidos em uma “federação” chamada Lula Socialista. Por conta desse encontro, a direção nacional ficou dividida da seguinte forma: são 84 dirigentes, dos quais 44 são moderados, 9 — entre eles os deputados Arlindo Chinaglia (SP) e Tilden Santiago (MG) —, de um grupo novo, de posição ainda indefinida, e o restante de esquerda.

A tese de punição do diretório do Rio, ou mesmo a mais amena, de anulação de sua convenção, não

teria, por exemplo, o apoio do grupo do ex-prefeito de Porto Alegre Tarso Genro. O ex-prefeito defende a proposta de que os grupos do partido meçam forças, o minoritário enquadre-se e Lula continue candidato em qualquer hipótese. Se houver impasse, prefere que o diretório tome apenas uma decisão indicativa neste fim de

semana, adiando a discussão para o encontro nacional.

Chinaglia acredita até que as propostas de anulação ou intervenção não serão nem postas em votação, pois os grupos têm interesse em negociar. Ele concorda com Tarso em que, uma vez mantido o impasse, a decisão final seja tomada no encontro, instância máxima do partido. Não declarou, contudo, qual será sua posição numa eventual votação.

Os movimentos que se registram nos últimos dias têm o sentido não apenas de convencer adversários, mas os próprios partidários de Lula. Ontem, o presidente do diretório estadual de São Paulo, Antônio Palocci, entregou a Dirceu um manifesto em que 19 presidentes de diretórios regionais pedem que o diretório nacional recomende ao encontro, no fim do mês, a anulação da convenção do Rio, sob o argumento de que o partido já decidiu que “nenhum interesse regional deverá prevalecer diante do desafio de barrar a recondução de Fernando Henrique Cardoso”. Dirceu reafirmou que Lula não é candidato sem a aliança — e sugeriu que os problemas internos sejam adiados para o congresso do PT, em setembro do ano que vem, que redefinirá suas diretrizes ideológicas.

Definição — “O partido tem de sair da ambigüidade”, afirmou o deputado José Genoíno (SP), do grupo moderado que, aliado ao centro representado por Lula e o presidente do partido, José Dirceu, formam a precária maioria que comanda hoje o partido. “Vamos todos sofrer juntos”, disse Markus Sokol, representante do grupo de ultra-esquerda O Trabalho na executiva nacional do partido.

Embora existam tentativas semânticas, dos dois lados, de atenuar a dimensão da crise, os protagonistas do conflito concordam que estão diante de um impasse sem precedentes na história do partido. A tentativa de não radicalizar ainda mais as posições ocorre apenas por uma total incerteza de quem pode ganhar esse jogo.

“O estrago o Rio já fez: comprometeu a política de alianças e a credibilidade do PT”, afirmou Genoíno. O deputado Paulo Delgado (MG), por exemplo, que há pelo menos uma década mantém uma luta de morte com o lado radical do partido mineiro, chegou a prever a divisão do PT em duas legendas antes das eleições.

O deputado Luiz Gushiken (SP), escalado para ser o coordenador da campanha do PT, não poupa Vladimir Palmeira. “A sua candidatura é uma contradição, pois ele apoiou a candidatura de Lula e a política de alianças”, avaliou. “Não vejo a possibilidade de Lula renunciar, mas acho que estamos numa crise sem precedentes.”



POLÍTICA DE ALIANÇAS É O CENTRO DAS DIVERGÊNCIAS